

## ***As Saudades do Brasil* – sobre a mitificação do descobrimento do Brasil.**

*Ingemai Larsen<sup>1</sup>*

Comemoramos hoje 500 anos da descoberta do Brasil, um festejo centrado naturalmente em Porto Seguro, donde provavelmente se propaga como anéis na água para todos os cantos do mundo onde a história e a cultura do Brasil se repercutem.

Descontando Porto Seguro, será certamente em Belém, no estuário do Tejo, que a festa atingirá o seu auge. Foi daqui, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, que partiram as caravelas em Março de 1500, e daqui emanaram avisos e estímulos para as tripulações que deveriam prosseguir a expansão marítima portuguesa. E é daqui, de Portugal, que eu encaro o Brasil, segundo o ponto de vista do título desta intervenção.

Que faz falta aos portugueses, quando sentem *saudades do Brasil*? Que representa o Brasil na sua memória? E como encaram os portugueses o seu próprio papel de descobridores e colonizadores de uma nação que ajudaram a dar à luz? As respostas a estas questões também dependem da geração de portugueses a quem se põem, tal como da posição que estes assumem perante os paradigmas da interpretação histórica que prevaleceram nos últimos 150 anos. Períodos houve da história de Portugal em que predominou um certo aspecto da relação intra-portuguesa, outros períodos houve em que outros aspectos se impuseram. O discurso da História de Portugal e do Império também não seguiu um curso inequívoco e linear. Pelo contrário, tende desde os fins do século XIX a bifurcar-se e a manifestar-se quer segundo um ponto de vista crítico e científico, quer de um ponto de vista irracional e mitificante. A recepção do Brasil e da relação entre as duas nações sofre portanto grandes mudanças, tanto no decorrer do tempo, como através do discurso e da ideologia da Pátria.

Nesta comunicação farei um esboço dos principais aspectos desta história da recepção do Brasil, se bem que o tempo restrito apenas me permita uma abordagem tangencial. No decurso desta revista cronológica reflectirei especialmente sobre historiadores e pensadores que interpretam a descoberta do Brasil numa perspectiva mitificante. Assim, o meu ponto de partida é uma análise do discurso nacional português, da auto-identificação portuguesa, reflectindo o foco do meu campo de actividade

profissional como *lusitanista*. Espero assim que seja interessante para um conhecedor do Brasil inteirar-se desta dimensão da sua recepção histórica.

Começo naturalmente em 1822, altura em que o império definitivamente se desintegra. O unânime pronome *nós* perde então tanto a sua relevância simbólica como real, sendo substituído por um *nós* e um *vós* “restritivos”, subentendendo claramente que agora são *Vocês* contra *Nós*. Por outras palavras, assim se estabelece a base de uma verdadeira reflexão sobre o Brasil como unidade independente. Se bem que o processo da independência brasileira já se desenvolvesse há uns tempos, foi com a declaração de D. Pedro na praia do Ipiranga que a ruptura indubitavelmente se manifestou para os portugueses no outro lado do Atlântico.

Devo sublinhar que ao dar por iniciada em 1822 a datação da história da recepção do Brasil ignoro deliberadamente a famosa *Carta* de Pe(d)ro Vaz, simplesmente porque em 1500 era com a sociedade pré-brasileira que ele se confrontava, sendo o que nos importa neste contexto a recepção do Brasil como ex-colónia.

Outra obra que pelas mesmas razões não abordo é *Os Lusíadas*; Luís de Camões, de resto, apenas se refere ao Brasil numa única estrofe, simplesmente porque o Brasil nessa altura, em meados do século XVI, ainda não era uma colónia importante.

Desde então, como se sabe, o progresso foi extraordinário: o pau-brasil, o açúcar, o algodão e o negócio de escravos foram para Portugal enormes fontes de receita, não falando do ouro e das pedras preciosas que no século XVIII salvaram a mãe-pátria da bancarrota. O facto era bem conhecido dos políticos liberais que em 1820 convocaram o rei do exílio no Brasil, sendo incontestavelmente um dos seus propósitos restabelecer a hierarquia anterior a 1815, quando se instituíram *Os Reinos Unidos de Portugal e do Brasil*.

Assim, para os liberais, o Brasil constituía um dilema, especialmente por não se tratar de uma colónia qualquer, mas da própria Jóia do Império. O que se reflecte nitidamente no facto de os portugueses não lhe reconhecerem a independência senão três anos mais tarde, se bem que os liberais — paralelamente e pela natureza do assunto — se sintam obrigados a reconhecer os direitos dos povos à autodeterminação. Nos primeiros anos da ruptura, *ter saudades do Brasil* era para os portugueses sinónimo de uma nostalgia do prestigioso, enorme e lucrativo Império, em que o Brasil tivera uma posição chave.

Se nos detivermos um pouco na geração de historiadores e personalidades literárias do romantismo, entre 1830 e 1850, podemos constatar que as suas obras não reflectem esse tipo de nostalgia. Se bem que a reflexão sobre a história, segundo a tendência então predominante,

tenha nessa altura grande prioridade, trata-se sobretudo da Idade Média, de um rastreio das autênticas raízes nacionais. Quanto ao empenho contemporâneo, toda a energia e interesse concentrava-se na construção do estado-nação de Portugal. O Brasil tornara-se entretanto e irreversivelmente uma ex-colónia.

Trinta, quarenta anos mais tarde a situação modifica-se com a geração de 1870, de intelectuais politicamente empenhados e nada satisfeitos com o contributo liberal. Ao analisar a história de Portugal, esta geração abrange todo o período moderno. Sucintamente, o objectivo era chegar a uma conclusão quanto às causas profundas da crise actual, uma explicação para o facto de Portugal continuar sendo uma nação tão atrasada como na realidade o era.

O estudo apresentado em 1871 por Antero de Quental sob o título *Causas da decadência dos povos peninsulares* tem carácter de manifesto político da geração de 70, e aqui a palavra chave é exactamente a *decadência* de Portugal. Com respeito à recepção do Brasil, o interessante é que pela primeira vez se aborda o tema da expansão marítima numa perspectiva desfavorável.

Segundo Antero de Quental, as razões pelas quais Portugal se podia considerar uma nação em decadência eram três: um catolicismo fanático, um absolutismo opressor, e a consequência das descobertas: uma crescente dependência económica de Portugal relativamente às suas colónias, corroborada pela descuar da agricultura e da indústria na metrópole. Antero criticava também o modo como a colonização se processara. Sobre a exploração dos escravos como mão de obra, e quanto às consequências para a África e para o Brasil afirmava: *“Fomos nós, foram os resultados do nosso espírito guerreiro, quem condenou o Brasil ao estacionamento, quem condenou à nulidade toda essa costa de África em que outras mãos podiam ter talhado à larga uns poucos de Impérios! Esse espírito guerreiro, com os olhos fitos na luz de uma falsa glória, desdenha, desacredita, envilece o trabalho manual!”*<sup>2</sup>

Concluindo Antero de Quental que *“a nossa fatalidade é a nossa história”*, põe-se pela primeira vez em questão o até então mais glorioso e intocável capítulo da História de Portugal. A riqueza que Portugal durante anos auferira do Brasil deixa por assim dizer de se encarar com um grande potencial, antes como uma inibição do progresso português. E o facto de os portugueses haverem colonizado o Brasil à base da escravatura descreve-se como vergonhoso.

Este ângulo crítico na apreciação da história colonial, considerando um passo em falso não o descobrimento, mas a colonização do Brasil, é retomado e desenvolvido no final do século XIX pelo grande historiador

Oliveira Martins, tendo a leitura dos seus textos sobre a aventura colonial tido grande repercussão nas gerações seguintes.

Com Oliveira Martins inicia-se uma fase da história da recepção do Brasil que, pelo menos parcialmente, se implanta sob o signo do mito. É nesta altura que ocorre a dicotomia do discurso da história da nação, em que se impõe uma leitura irracional e mitificante da história do Império. O que em parte se explica pelo facto de Oliveira Martins, bem como toda uma geração de intelectuais europeus, se interessar especialmente pela questão racial, neste caso, pela definição étnica da raça portuguesa. Segundo ele, o povo português era sobretudo uma parte da civilização Ibérica, distinguindo-se no entanto pelo seu carácter místico e heróico. Martins afirma que foi exactamente esta faceta do carácter português o impulso decisivo (se bem que inconsciente) para as viagens dos descobrimentos, viagens que resultaram na contribuição portuguesa para a história universal. A alegada existência de uma componente heroico-comissionária no génio português joga assim um papel importante na interpretação histórica de Oliveira Martins.

A nova e categórica interpretação consiste em contrapor distintamente o descobrimento à expansão marítima, ao mesmo tempo que o primeiro destes momentos, o descobrimento, se incorpora num contexto fortemente mitificante, resultando como prova de que o povo português é incumbido de uma missão especial. Ao outro momento, a expansão, confere-se pelo contrário, e de acordo com Antero, a razão primária da decadência portuguesa. Quanto à colonização do Brasil, afirma Martins, entre outras coisas: “*As conquistas [...] são apenas a sentina que vaza sobre a Península um ouro corruptor, o estigma da escravidão, a sífilis, o amor da ociosidade, a desordem dos costumes*”<sup>3</sup>. O que não é propriamente uma descrição lisonjeira da actividade transatlântica portuguesa.

Entre os sucessores imediatos de Oliveira Martins, quanto à interpretação da época dos descobrimentos, conta-se a chamada *geração da Renascença*, uma geração que explicitamente fez da *saudade* a sua senha. Teixeira de Pascoais, pai do *saudosismo*, tal como os restantes adeptos, tem imensas saudades da idade de ouro dos descobrimentos em que os portugueses haviam *civilizado* o mundo. Se em vão procuramos depoimentos relacionados com a descoberta do Brasil entre os diversos textos desta geração, tal deve-se particularmente ao facto de o interesse da *Renascença* se concentrar na natureza do fenómeno *saudade*. Mas, se bem que indirecta, a influência desta geração na recepção da época dos descobrimentos é importante, pois concorre para cimentar um certo número de mitos, especialmente o mito da missão portuguesa.

No entanto, o auge da mitificação sistemática da história atinge-se só em 1935, com *Mensagem* de Fernando Pessoa. Trata-se de uma obra a que de imediato não se conferem grandes consequências (pois quem jamais ouviu falar de um poema que alterasse o curso da História?). A investigação recente confirma porém que o nacionalismo metafísico expresso na *Mensagem* se reflecte claramente na política cultural do Estado Novo, tendo assim consequências para a recepção do Brasil.

A *Mensagem* é uma interpretação simbólica de Portugal, cujo nascimento como nação se remete à Idade Mítica e cuja história consequentemente se baseia em mitos. Em 44 poemas descrevem-se os píncaros da história, inclusive o descobrimento do Brasil, em *Occidente*<sup>45</sup>. Se neste poema nem o encontro de Cabral com os indígenas, nem a descrição do Brasil nos parecem reconhecíveis, não há nisso nada de extraordinário, posto que aqui, como no resto da *Mensagem*, a história concreta e material cede o passo ao simbólico.

Se à primeira vista o título nos parece um pouco misterioso, *Occidente* revela-se à luz do primeiro poema, *O dos Castellos*<sup>5</sup>, em que Pessoa apresenta uma Europa personificada num olhar deslizando de Leste a Oeste, em cujas últimas estrofes se encara “O Occidente, futuro do passado”. “O rosto com que fita é Portugal”. Portugal, o rosto da Europa, nação pioneira, ou como Pessoa afirma noutra contexto: a nação que descobriu o principio da descoberta.

Um *Occidente* que surge de novo no poema do mesmo nome, e a questão põe-se: por que não um título que se refira mais explicitamente ao Brasil? Alguns dos outros poemas têm títulos que são uma referência directa aos grandes navegadores, *Bartolomeu Dias* e *Vasco da Gama*, por exemplo. Tal explica-se provavelmente pelo facto de Pessoa encarar o mundo do ponto de vista quatrocentista, denominando *Occidente* a parte do globo ainda por descobrir, a que o Brasil pertencia. O Oriente estava já explorado, faltava apenas descobrir o caminho marítimo para as Índias, enquanto todo o hemisfério ocidental continuava por conhecer, constituindo, segundo *O dos Castellos*, “o futuro do passado”.

A certeza de o poema se referir de facto à descoberta do Brasil deve-se sobretudo à primeira estrofe do terceiro verso: “Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal”, uma alusão a um real problema histórico, que ainda hoje ocupa os historiadores, nomeadamente se Cabral chegou a Vera Cruz por acidente de mau tempo e navegação, ou se de facto seguira uma rota de antemão bem estudada.

Seja como for, Pessoa desmente tais conjecturas explicando a descoberta do Brasil como um feito colectivo, cumprido por instância

divina. Do mesmo modo que em toda a época dos descobrimentos, os portugueses teriam agido como acólitos de Deus: “*Deus a alma e o corpo Portugal/ Da mão que o conduziu*”.

Note-se que se trata de um projecto colectivo a nível nacional: “*Com duas mãos – o Acto e o Destino – Desvendámos*”. Simultaneamente, “*No mesmo gesto, ao céu/ Uma ergue o facho trémulo e divino/ E a outra afasta o véu*”. Um motivo sexual inserido num contexto metafísico: Brasil como uma virgem, cuja pureza se sacrifica no altar dos descobrimentos.

De modo que, se alguém tem *saudades*, deve ser Fernando Pessoa. Saudades de um tempo em que a espiritualidade se diz ter reinado, em que o Brasil e as outras colónias apenas esperavam nuas o serem tocadas pelos portugueses, usando a metáfora erótica a que venho de me referir mas que talvez não tenha sido intencionada. Porque as *saudades* de Pessoa têm outro carácter, tratando-se sobretudo do *Império da Poesia*.

Outras alusões ao Brasil, na *Mensagem*? Sim e não. O Brasil está aqui tão ou tão pouco presente como o resto da história real do Império. Pretendo com isto dizer que ao nível da denotação apenas figura em *Occidente* — mas que este silêncio, por assim dizer esmagador, se faz no entanto ouvir. Por outras palavras, o objectivo de Pessoa — fazer o ajuste final da aventura real, isto é, colonial, e implantar o reino espiritual — só até certo ponto é bem sucedido. Quando os seus leitores levantaram os olhos da *Mensagem* era um Portugal atrasado que continuava existindo na realidade, um Portugal que desde a cedência do Brasil não conseguira estabelecer um economia nacional sã, nem uma autoconfiança colectiva. Mas, apesar de tudo, isto passava-se em 1935, altura em que o governo português tentava de facto restabelecer a economia e uma consciência nacional.

O regime do Estado Novo exerce então um inflexível controle das finanças e as colónias recobram uma posição chave no Império, denominadas significativamente como *Os Novos Brasis*. E paralelamente o Brasil torna-se um País Irmão, uma prova irrefutável do génio português.

Aquando da *Exposição do Mundo Português*, em 1940, o Brasil foi a única nação convidada. No parque coimbrão chamado de *Portugal dos Pequeninos*, (uma miniatura do Império Português) o pavilhão do Brasil é do mesmo tamanho que o de Portugal. E não é sem a referência aos irmãos brasileiros de língua portuguesa que facilmente se acalenta o mito de um génio lusitano muito particular, a nível mundial. O estatuto e capacidade brasileira actual reconhecem-se assim ao mesmo tempo que as descobertas se descrevem de um modo em que claramente transparece o nacionalismo metafísico de Pessoa e dos seus antecessores. Lendo à letra os compêndios de história pátria, a descoberta do Brasil continua a atribuir-se à alma

heróica e missionária dos portugueses. O mito do português universal que cumprindo a sua missão abraça o mundo, teve tempos áureos nos anos 40, 50 e mesmo até ao cair do regime em 1974.

É também por esta altura que os portugueses se apercebem até que ponto se atrasaram em relação ao Brasil, que já nos anos 70 se manifesta como *o país do Futuro*, uma nação que em pouco tempo fez uma cura de cavalo e se industrializou, enquanto Portugal estagnava desastrosamente. O país irmão tornara-se um espectáculo de sucesso.

Após 1974 dá-se início a uma revisão profunda da história de Portugal, o começo do processo de desmitificação ainda em curso. O mito do português heróico e missionário, corroborando a dicotomia do descobrimento e da colonização – que se integra no que eu chamo de nacionalismo metafísico – foi então alvo de uma violenta crítica, manifestando-se hoje apenas em círculos limitados, se bem que ruidosos. O nome de Agostinho da Silva não vos é certamente estranho, sendo ele excelente exemplo de até que ponto a recepção do Brasil e o carácter das *saudades* dos portugueses em grande parte foram determinados pela interpretação e condições da história de Portugal.

Pelo que também mantenho que o Brasil, para a maior parte dos portugueses, representa hoje em dia a terra que eles há 500 anos descobriram e colonizaram, mas que mais tarde seguiu o seu próprio destino. Parabéns!

## Notas

<sup>1</sup> Ingemai Larsen é professora auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses, Instituto Românico, Universidade de Copenhaga, Dinamarca. A conferência foi dada na Universidade de Aarhus no 27 de Abril 2000 pela ocasião dos 500 anos de Descobrimento do Brasil.

<sup>2</sup> Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 1871

<sup>3</sup> Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, 1879

<sup>4</sup> Fernando Pessoa, *Mensagem* (1928–35)

### Occidente

Com duas mãos – o Acto e o Destino –  
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o facho tremulo e divino  
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia  
A mão que ao Occidente o véu rasgou,  
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia  
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo Portugal

Da mão que o conduziu.

<sup>5</sup> Fernando Pessoa, *Mensagem* (1928–1935)

### **O dos Castellos**

A Europa jaz, posta nos cotovellos:  
De Oriente a Occidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabellos  
Olhos gregos, lembrando

O cotovello esquerdo é recuado;  
O direito é em angulo disposto.  
Aquelle diz Italia onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,  
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.